

Capítulo I

Prendendo a respiração e mordendo o lábio, Arianne Richards retirou a moldura mal colocada de onde surgia um pedaço de tela. Muitas pinturas antigas possuíam molduras estranhas e pedaços de papelão ou papel colados no verso, mas aquela em particular não era nem muito antiga nem muito valiosa.

Na verdade, Arianne considerava o insípido retrato como um dos piores trabalhos do artista. Sua mãe não poderia ter tido uma aparência tão fútil, mesmo vinte anos atrás, e sem dúvida nunca fora a beldade esguia e frágil na qual o artista a transformara. Talvez esse tipo de beleza estivesse na moda naquele tempo, como no atual, porém Arianne sabia que ela e a mãe eram altas, e a senhora sempre apreciara formas robustas que denotavam uma boa saúde.

Até os últimos anos. Franzindo a testa, Arianne prestou atenção. Se apurasse os ouvidos, poderia escutar sua mãe tossindo nos cômodos do andar de cima, mas ali no ateliê tentou esquecer esse som. Nos últimos tempos seu pai não conseguira novas encomendas, e nada havia a fazer, mas Arianne usara a desculpa de limpar um dos retratos só para usufruir um pouco daquela abençoada solidão.

Não se importava de tomar conta dos irmãos menores e da irmã; também não se incomodava de ser responsável pela maior parte dos serviços domésticos, já que os acessos de tosse da mãe se tornavam mais frequentes. Nos seus vinte e um anos de vida, a família era tudo para Arianne. Conhecia pouca coisa, além disso. Entretanto, a constante preocupação com a terrível tosse provocava medos que ela não desejava enfrentar.

Podia se lembrar de um tempo quando corria pelos gramados de Somerset, livre e risonha como só uma criança pode ser.

Era jovem demais para se lembrar da morte de sua primeira irmãzinha, mas podia recordar a época da febre, quando um de seus irmãozinhos fora levado nas asas dos anjos, conforme lhe explicara a mãe. Então os dias risonhos de verão haviam terminado para sempre, substituídos por um inverno permanente.

Sua mãe ficara muito tempo se recuperando da febre. Seu pai, distraído como todo artista, tornara-se ainda mais ausente.

Pouco a pouco, partes do mobiliário pesado com madeira trabalhada começaram a desaparecer: a adorável poltrona com a tapeçaria esmaecida de leões e romanos, o pesado aparador de nogueira com tantos entalhes complicados que Arianne costumava usá-lo como esconderijo para seus pequenos tesouros, e até os castiçais dourados com as cabeças de dragão que sopravam fogo quando as velas eram acesas. Junto às fantasias do passado, desapareceu também a infância de Arianne.

A família se mudara para Londres quando Lucinda nascera.

Com seus tenros seis anos de idade Arianne assumira a responsabilidade de cuidar da criança, balançando seu berço quando ela chorava, divertindo-a quando acordada para que a mãe pudesse descansar e ficar forte de novo. Parecera uma continuação natural que fosse a “pequena ajudante” da mãe quem amparasse Lucinda quando ela havia começado a andar, quem pusesse e tirasse a mesa na noite de folga da empregada, e mexesse o mingau na panela quando a cozinha fervilhava de atividade.

Retornando ao momento presente, Arianne deixou escapar um suspiro de alívio quando o apoio da moldura por fim se soltou. Sabia que ninguém se importava quando descia para descansar um pouco. Seu pai sempre a encorajara a vê-lo limpar a poeira e a sujeira de séculos nas raras e valiosas pinturas a óleo que lhe eram trazidas pelos ricos colecionadores. Ele até permitira que Arianne ajudasse com as obras menos importantes, e ela aprendera quais os melhores produtos químicos que deviam ser usados para cada pintura. Já trabalhava pacientemente sem a orientação do pai, enquanto ele saía a fim de procurar novas obras de arte para restaurar.

Foi devido ao fato de sua própria coleção ser tão grande que o pai de Arianne, Ross Richards, passou a ser procurado pela realeza e a aristocracia quando desejavam restaurar os tesouros de família ou se aconselhar sobre novas compras de obras em bom estado. Arianne franziu o nariz em um gesto frustrado ao pensar na fortuna em pinturas que adornavam as paredes de sua casa bastante humilde.

Os quadros eram praticamente tudo que lhes restara ao vir para Londres, e seu pai se recusava a abrir mão de qualquer um deles, mesmo que isso significasse renunciar a uma necessária viagem a Bath ou Brighton visando à saúde de sua mãe.

Esse era sempre um motivo de discussões entre Arianne e o pai, e não seria aconselhável provocá-lo, já que era sua paixão pela arte que lhe permitia sustentar a família. Atraídos pelos conhecimentos artísticos de Ross Richards, seus relacionamentos na alta sociedade lhe permitiam possuir uma vasta rede social que proporcionava seu ganha-pão.

Todos pareciam contentes assim, e não cabia a Arianne interferir.

Mas quando o apoio da moldura se deslocou, revelando uma outra pintura que não deveria estar ali, Arianne prendeu a respiração e sentiu um fio de esperança em seu íntimo, ao mesmo tempo que resolvia esconder de seu amado pai essa descoberta.

Arianne não se importou em olhar para o espelho enquanto atava as fitas do seu prático chapeuzinho de aba dura sobre os cabelos castanhos sedosos. Não possuía criada de quarto para cortar, pentear e ondular as mechas pesadas, preparando os penteados da moda, e ela mesma não tinha paciência para essas coisas. Prendendo as tranças em um amplo coque, mantinha-se bem-penteada e pronta para enfiar o chapéu. Era tudo o que precisava nas atuais circunstâncias.

Apertando os lábios polpudos e lançando um olhar ao espelho para ver o resultado, Arianne suspirou ao ouvir as batidas na porta do andar térreo. Estivera vigiando para ver quando chegasse a carruagem, e se apressara para ficar pronta assim que o veículo surgisse na rua estreita, mas seria indecoroso correr para fora antes que o laçao de Melanie batesse à porta.

Pensando em Melanie, ela suspirou de novo. Melanie tinha os lábios em forma de arco de Cupido, como estava na moda. Por que ela não podia se parecer um pouco com a prima tão elegante, pelo menos nesse aspecto?

Calçando as luvas às pressas, Arianne correu para as escadas.

Lucinda, com quinze anos de idade, surgiu da saleta de visitas do

andar de cima e, pelo som confuso de passos, estava sendo seguida pelos irmãos.

— Rainy, Melanie está aqui! Posso ir também? Por favor, Rainy? Só dessa vez? Nunca passei no parque de carruagem. Por favor, Rainy...

Arianne não hesitou, embora seu coração sofresse diante dos rogos da irmã. Se não fosse pelos primos, nunca veria o mundo elegante dentro de uma carruagem também elegante, porém o passeio daquele dia tinha um objetivo maior do que uma simples volta pelo parque.

Erguendo o rosto e sorrindo para a irmã, Arianne disse:

— Outro dia, Lucy, prometo. — Depois atravessou a porta que o laçao de Melanie segurava para ela.

A prima quase deu pulos de alegria quando Arianne se sentou a seu lado no assento de veludo. Melanie perdera os pais, que a haviam deixado as cuidados um tanto extravagantes de seus irmãos gêmeos, Gordon e Evan, mas afora esse fato infeliz, Melanie Griffin tinha tudo que faltava a Arianne.

Os Griffin eram ricos e pertenciam à elite frequentada por seu avô, o conde de Shelce. Aos dezoito anos, Melanie fora apresentada à corte, tendo como madrinha a esposa de Evan, e no momento se divertia na temporada social, o que não pudera fazer quando seu pai falecera.

Entretanto, não era exatamente a riqueza e a vida social de Melanie que Arianne invejava, e sim sua figura loira e brejeira, e seu eterno bom humor. Melanie brilhava com seu encanto natural e seus sorrisos, parecendo ignorar completamente as cabeças que se voltavam para olhá-la sempre que saía. Ao lado dela, Arianne se sentia sem-graça, mas, afinal, não estava ali para seduzir ninguém.

— Conte-me, Rainy! — Melanie agarrou a mão enluvada de Arianne e fitou a prima mais velha com os olhos azuis brilhantes. — Conte-me ou vou morrer de curiosidade. O que a fez me chamar? Em geral sou eu quem precisa procurar por você. Arrumou um namorado, Rainy, e quer se encontrar com ele em segredo? Tio Ross vai ser curador do príncipe regente? Deve ser algo muito excitante

para fazê-la deixar o recesso de seu ocupado lar.

Arianne lançou um breve sorriso diante do romantismo exacerbado da prima. Todos na família sabiam que Arianne era a figura prática enquanto Melanie era uma sonhadora incurável.

Antes da morte prematura do visconde Griffin, Arianne frequentara muito a casa de Melanie, simplesmente para influenciá-la a conter sua exuberância natural. As duas haviam tido os mesmos preceptores, até que Arianne se tornara muito adulta para isso, e precisara cuidar da própria casa. Fazia alguns anos já que ela não desfrutava da liberdade da casa dos Griffin, porém Melanie não permitira que a amizade das duas esmorecesse com o tempo.

— Como posso lhe contar meus modestos segredos depois de ouvir sobre seus sonhos loucos? Curador do acervo artístico do príncipe regente! Como se o príncipe já não tivesse dívidas suficientes, e meu pai pudesse ter a seus pés toda a monarquia.

Melanie riu diante das palavras de sua sensata prima. Arianne raramente sorria, e era difícil para quem não a conhecia bem saber se falava a sério ou não, porém Melanie estava acostumada com a veia irônica da prima.

— Isso era uma coisa que eu gostaria de ver — disse. — Será que seu pai os convenceria a vender as joias da coroa? Em particular, adoro aquela de rubis. Eu não ficaria linda com ela? — Diante do olhar severo de Arianne, Melanie riu de novo. — E você não respondeu à minha pergunta sobre um namorado, Rainy. Gostaria que tivesse aceitado Gordon como seu acompanhante. Ainda bem que você me anima com suas tiradas sarcásticas e afasta os Emplumados — finalizou, referindo-se aos admiradores indesejáveis.

Arianne balançou a cabeça com o chapéu de abas duras e sorriu no confinamento íntimo da carruagem, pensando que as palavras da prima a haviam feito recordar certas coisas.

— Pássaros raros, os Emplumados. E temos também os Vaidosos que Cheiram Rapé, mais comuns.

— Faça o que quiser, mas não mexa em sua caixa de rapé! — exclamou Melanie, recordando as traquinagens do passado. — Oh, tinha me esquecido disso, Arianne. Nunca deveria ter me encorajado

a pregar aquela peça... Acho que todos os amigos dos gêmeos me evitaram durante anos, depois disso.

— Oh, talvez alguns deles. Não eram todos arrogantes. Imagino que alguns tenham dado boas risadas naquela noite em seus clubes... Jogar sal no rapé foi muito engraçado!

— Acho que o pobre sujeito nunca imaginou que fosse sufocar com o sal quando decidiu cheirar rapé. Mas a escadaria não foi um bom lugar para me esconder. Alguém deve ter me visto quando ele começou a tossir. Acho que fiz papel de bobá.

— Acho que agora tudo já foi perdoado — consolou Arianne. — E você tem filas de admiradores à sua porta.

— Pica-Paus Puritanos e Pavões Efeminados às dúzias. — Melanie fez com a mão um gesto de pouco caso. — Agora, Arianne, por que precisa dos meus conselhos? Esta é uma ocasião tão rara que não espera que desista de minha curiosidade. Se não encontrou um admirador rico, então por acaso descobriu uma maneira de fazer tio Ross abrir mão de suas preciosas pinturas?

Para Melanie, a vida era uma eterna brincadeira para se rir e aproveitar com muita alegria. Arianne teve de sorrir diante de conclusões tão absurdas. E a ansiedade da prima em compartilhar seu segredo a deixava mais aliviada.

— Na ausência de um admirador conveniente e na falta de habilidade para persuadir meu pai sobre qualquer coisa, fiz algo muito desprezível. Roubei uma pintura — declarou sem mais delongas.

O riso morreu na garganta de Melanie, que lançou um olhar preocupado para a prima, antes de concluir que se tratava de uma piada. Aliviada, ela se recostou e entrou no jogo.

— Surrupiou o quadro de Gainsborough que fica em cima da escrivaninha e o escondeu no jardim.

Dessa vez Arianne gargalhou diante da sugestão absurda.

— A casa e o terreno em volta estariam de cabeça para baixo a esta altura, se eu tivesse feito tal coisa, pois meu pai logo notaria a falta do seu quadro de Gainsborough. Não, nada tão dramático ou importante. Sabe que ajudo papai a limpar as pinturas que lhe trazem, não sabe?

Melanie fez uma careta.

— Todos aqueles quadros cheirando a óleo e terebintina. Não sei como você suporta.

— É muito divertido. Precisa convencer seu irmão Gordon a nos trazer alguns dos retratos de sua família, qualquer hora dessas. Tantos anos acumulando poeira e sujeira por causa da fumaça das lareiras acabam escondendo as verdadeiras cores. Adoro ver o retrato de um ancestral com cheiro de bolor se transformar em um belo e atrevido mancebo ou uma linda dama quando as cores tornam a surgir.

— Duvido de que tenhamos um só ancestral digno de ter suas camadas de sujeira eliminadas, mas o que isso tudo tem a ver com a pintura que encontrou? Por certo não a roubou de outra pessoa?

O medo na voz de Melanie denotava mais drama do que preocupação, e Arianne ignorou. Explicou a descoberta da pintura escondida e sua decisão de não revelar ao pai.

— Porque sei que ele irá gastar mais dinheiro para emoldurá-la e pendurá-la em uma parede onde quase ninguém a verá, e nada de proveitoso resultará disso. Mas se pudesse ser vendida, mesmo que por algumas libras, talvez eu consiga persuadir mamãe a passar alguns dias no campo. Os médicos dizem que ela deveria passar uma temporada em Bath ou Brighton, mas o custo seria muito alto. Entretanto, pensei que alguns dias de paz e sossego longe das chaminés poluidoras e dos esgotos da cidade...

Melanie franziu o nariz, enojada.

— Chega! Nunca pensei em Londres dessa maneira, mas se os pulmões de tia Anne são delicados, creio que você tem razão. Devemos tirá-la da cidade imediatamente. Mas por que vender sua velha pintura empoeirada para isso? Tenho certeza de que Evan não se incomodará que titia fique em sua casa de campo em Devon.

Arianne temera que Melanie dissesse isso, e se agarrou à resolução tomada.

— Se bem me lembro, a propriedade na verdade pertence ao conde, e ele e meu pai nunca se deram muito bem. É melhor assim, sem discussões nem orgulhos feridos.

Melanie franziu a testa de leve, sombreando as feições alegres, e

tamborilou com os dedos no assento enquanto entravam no parque.

— Não posso acreditar que vovô se importasse. É o seu pai quem não aceitaria a ajuda, Rainy. Ambos são muito orgulhosos, mas creio que você tem razão. Só sairia briga. Não creio que meu avô tenha perdoado o fato de meu pai ter entrado na sua família. As pessoas idosas às vezes são muito tolas e cheias de preconceitos.

— O fato de minha família não ter títulos de nobreza e nenhuma riqueza deve ter algo a ver com a opinião de seu avô — replicou Arianne com sarcasmo. — Mas isso não vem ao caso. Nós nunca nos encaixaríamos na alta sociedade, portanto somos felizes do jeito que somos, a não ser pela preocupação com a saúde de mamãe. Porém creio que a pintura que descobri vai propiciar uma solução para isso.

Melanie permaneceu em dúvida.

— Se estava escondida atrás de outra tela, como pode ser tão valiosa? Alguém deve ter pensado que não valia muito, e a ocultou.

Arianne cerrou os punhos.

— A pintura estava escondida atrás daquele retrato horrroso de mamãe, um dos primeiros trabalhos de Lawrence. Tenho quase certeza de que se trata de outra obra de Lawrence, ainda mais antiga. Ninguém poderia copiar seu estilo, e só o fato de ter sido pregado atrás de outra obra sua...

Melanie arregalou os olhos.

— Ouvi dizer que seus retratos valem centenas de guinéus atualmente. Quanto valeria uma de suas primeiras obras?

— Não faço ideia — respondeu Arianne, suspirando. — O estilo não é tão refinado como o de suas obras mais recentes. Mas é adorável. Retrata uma mulher e um garotinho, ambos parecendo muito felizes. Ela tem lindos cabelos negros, pele morena, e é muito bonita. A paisagem no fundo é pedregosa, portanto deve ser mais perto de Bristol do que de Londres. Creio que dará um bom dinheiro, mas existe um problema. Onde eu iria conseguir o melhor preço, e como? Não ousou levar a ninguém que conheça meu pai.

Olhando para fora da janela, Melanie enrijeceu de repente; depois, voltando a ficar alegre, ordenou que o cocheiro parasse.

Arianne seguiu o olhar da prima, e para sua surpresa percebeu que

já estavam no meio da multidão elegante de Hyde Park. Ajeitando o chapéu com gesto rápido, imaginou o que a prima estaria tramando agora. Elegantes landaus e antigas carruagens procuravam um lugar para parar em meio aos membros da alta sociedade que transitavam por ali, a pé ou a cavalo. Os pedestres exibiam suas luxuosas roupas de passeio, as damas com seus vestidos vaporosos de braço dado com cavalheiros de paletó com ombreiras e botas até os joelhos. Arianne não tinha a menor vontade de apear e enfrentar aquela gente, cujo único propósito na vida era ver e ser vista.

Melanie, no entanto, não tinha tais pejos. Puxando Arianne pelo braço, indicou o lacaio que abria a portinhola, aguardando que elas descessem.

— Depressa, ou irão embora. Deveria ter vindo em uma carruagem aberta. Saia!

Quem iria embora? Confusa, Arianne obedeceu, colocando os pés na grama. As pessoas se voltavam, curiosas, porém não vendo interesse algum em uma moça trajando um vestido de lã marrom fora de moda, seguiam caminho.

A aparência de Melanie, porém, chamou a atenção, embora ela parecesse indiferente enquanto agarrava o braço de Arianne e contornava a carruagem em direção ao passeio público.

Com um rico vestido de seda amarela, bolerinho branco e um chapéu com rosas combinando, Melanie rivalizava com qualquer pássaro naquele viveiro de pavões. Ela acenou para dois cavalheiros em um faetonte novo em folha. Arianne prendeu a respiração diante do comportamento ousado da prima, mas o faetonte logo reduziu a marcha, e seus ocupantes pareceram muito felizes por terem sido chamados.

Enquanto o cavalheiro que conduzia o veículo manejava os cavalos com experiência, Arianne tentou não ficar olhando, mas não pôde deixar de lembrar do deus Apolo, conduzindo sua carruagem pelos céus.

O cavalheiro era loiro e alto, e seu sorriso lembrava muito o de Melanie, porém Arianne sabia que não se tratava de um de seus primos. A semelhança acabava ali, nos cabelos loiros.

Enquanto Melanie era de constituição miúda, aquele homem tinha mais de um metro e oitenta de altura, e seus músculos, sob o excelente corte do paletó, o impediam de ser um dos almofadinhas lânguidos que circulavam por ali. Os olhos sorridentes era cinzentos e francos, observando não apenas Melanie como também Arianne, que se sentiu magra demais e deselegante sob aquele escrutínio.

— Será que preciso salvar uma dama em apuros? — perguntou ele, apeando ao lado delas.

O homem que o acompanhava não desceu do veículo com a mesma destreza física, porém de maneira lenta que contrastava com sua aparência robusta. Quando caminhou pela grama, Arianne viu que ele mancava; seus olhos calmos e escuros e a testa ampla que revelava inteligência a fizeram simpatizar com ele de imediato, sem que trocassem uma só palavra. Ali estava um homem que poderia desafiar a sociedade, refletiu ela. Suas roupas não eram da última moda, contudo ele as usava com uma displicência que revelava pouco caso. Mais de perto, podia-se ver que os punhos de sua camisa estavam um pouco puídos, porém o linho era imaculadamente limpo, como o de seu companheiro. Seu olhar procurava Melanie sem cessar.

— Sim, sem dúvida precisa, mas não da maneira que está pensando. — Melanie riu, dando uma resposta bem-humorada, e depois se voltando para dar o braço a Arianne.

— Milady quer nos acompanhar? — convidou o loiro, dirigindo-se a Arianne. — O dia está lindo para uma caminhada, e percebo que Melanie está ansiosa para conversar conosco.

Melanie deixou escapar uma risada.

— Galen, não se lembra de Arianne Richards, minha prima? Francamente, estávamos sempre na casa uma da outra. Por certo já a viu antes. Arianne, este é lorde Galen Locke.

Os olhos cinzentos demonstraram surpresa enquanto passeavam do rosto severo de Arianne para suas roupas de solteirona pobre. Os olhos azuis dela, mais escuros que os de Melanie, o encararam com altivez, e Galen franziu os lábios de leve ao recordar onde a vira antes.

— Vamos ignorar Melanie, srta. Richards — replicou, passando a mão de Arianne pelo seu braço. — Melanie é muito mimada. Eu a conheço desde garotinha, e nunca lhe dei muita atenção. Mas agora me lembro bem da senhorita. Tinha a propensão de aparecer na biblioteca dos Griffin nas horas mais impróprias.

Arianne não estava acostumada a corar, mas sentiu um calor nas faces ao se lembrar por fim da identidade daquele homem. Fora anos antes, quando ela e Melanie não passavam de meninas se escondendo da governanta da prima. Fora nessa ocasião que o havia conhecido, e ele por sua vez não passava de um desengonçado estudante de Oxford. Então o rubor aumentou ao se lembrar do que Galen Locke estivera fazendo naquele dia.

— Espero que as criadas bonitas tenham aprendido a ficar longe do seu caminho desde então, milorde — retrucou, indo direto ao assunto com audácia, retirando a mão e voltando-se para o outro cavalheiro que observava a cena sem sorrir.

Melanie lançou um sorriso triunfante para o loiro, voltou-se para o homem moreno e fez as apresentações:

— Arianne, este é Rhys Llewellyn, caro amigo de meus irmãos. Sr. Llewellyn, esta é minha prima Arianne Richards. Vocês dois têm muito em comum, e ambos sabem pôr Galen no seu devido lugar.

O sr. Llewellyn fez um cumprimento seco de cabeça, mas havia um brilho divertido nos olhos emoldurados por cílios espessos, enquanto observava a expressão atônita do amigo.

— É um prazer conhecer alguém que não fica intimidada pela língua e a pose de Galen, srta. Richards. Andou guardando essa resposta inteligente desde que o pegou em flagrante na juventude?

— Ele quase me bateu quando lhe disse que por certo a criada seria mandada embora caso ele continuasse a fazer... o que fazia. — Arianne arriscou relancear um olhar para o homem que fora um estudante travesso, e percebendo sua expressão sombria, sorriu. — E já que o senhor e eu somos parecidos, sr. Llewellyn, devo dizer que minha prima gosta de pessoas que levam tudo na brincadeira, como ela mesma.

— Que injustiça! — exclamou Galen Locke. — Ser comparado

aos outros amigos de Melanie é ridículo. Precisa me dar tempo para fazê-la mudar sua impressão a meu respeito, srta. Richards.

Melanie o puxou pelo cotovelo, afastando-o do passeio público.

— Não temos toda a eternidade, caro Galen. Pode se redimir aos olhos de minha prima nos ajudando naquilo em que é especialista. — Atirou um olhar para Arianne, a fim de se assegurar de que ela e Rhys os seguiam. — Arianne, apesar das aparências e das lembranças que tem a seu respeito, Galen é um especialista em arte. Quer rivalizar com a coleção do duque de Devonshire quando ficar mais velho.

Galen virou-se a tempo de ver o olhar de interesse da empertigada srta. Richards. Lembrava-se dela como uma menina magricela como um caniço, com tranças grossas e uma eterna expressão de desaprovação. Entretanto talvez as circunstâncias em que a conhecera tornassem a lembrança severa demais, e não desejou ser injusto. Pelo que podia ver agora por baixo do chapéu de aba larga, ela não estava de cara feia, e as longas tranças haviam se transformado em uma linda cabeleira castanha. Ao lado de Melanie, porém, ainda parecia alta e desengonçada demais, e a roupa marrom sem adornos pouco fazia para melhorar sua aparência, mas ele conhecia os problemas de ser alto demais, e desprezava a opinião da sociedade sobre as mulheres que não eram como delicados bibelôs de porcelana. Sem dúvida a srta. Arianne Richards já não parecia um caniço, e os olhos de Galen se estreitaram diante de tal ideia.

— Acho que Melanie já me julga um velho. Posso me apoiar na senhorita, srta. Richards, para que claudique até o banco mais próximo?

Melanie deu um tapinha amigável em seu braço, e entre risadas e provocações chegaram ao banco. Melanie logo se apropriou do assento e fez a prima se sentar a seu lado de modo que os cavalheiros precisaram ficar de pé à sua frente para admirá-las enquanto conversavam.

— Fale a sério por um minuto, Galen. Temos assuntos de negócios muito importantes para discutir. Arianne possui uma pintura que deseja vender. Como se faz para vender quadros? E como ela poderá ter certeza de receber um preço justo pela obra?

— Moças bonitas não se preocupam com essas coisas. Tenho certeza de que o pai ou os irmãos da srta. Richards poderão cuidar desse assunto — replicou Galen. — E ficarei feliz em poder aconselhá-los com o pouco que sei. Mas agora vocês duas precisam me dizer se pretendem comparecer ao baile dos Rawdon amanhã. Se pretenderem, irei também, do contrário prefiro jantar no White's e aguentar as travessas minúsculas com alimentos microscópicos da mesa dos Rawdon. Eles chamam aquilo de iguarias.

Os dois rapazes viram chispas sair dos olhos da srta. Richards antes que ela se erguesse.

— Melanie, preciso ir. Mamãe precisa de mim. Cavalheiros, se me derem licença... — Fez um breve cumprimento e virou-se para partir.

— Arianne, não seja boba! — chamou Melanie. — Galen sabe ser gentil quando quer. Volte aqui agora mesmo. Não pretende caminhar a pé até sua casa. Rhys, detenha-a, sim? Às vezes ela tem um gênio terrível, embora eu deva admitir que dessa vez teve razão. — Ela voltou-se para o lorde petulante. — Galen, quando vai amadurecer? Os irmãos de Arianne mal saíram dos cueiros e o pai dela nunca deverá saber que pretende vender uma de suas preciosas pinturas. Você conhece meu tio Ross. É um grande avarento quando se trata de sua coleção de arte. Pode entregar seu último centavo, mas não se separa daquelas telas nem por amor nem por dinheiro.

Lorde Locke se reclinou em uma árvore ali perto e cruzou as pernas na altura dos tornozelos, enquanto observava Rhys alcançar a dama em fuga e convencê-la a ser razoável. Rhys sabia usar as palavras, principalmente escritas, mas também sabia usá-las muito bem quando falava.

Arianne se voltou com interesse para ouvir enquanto Rhys, que era de Gales, conversava sobre alguma coisa que sem dúvida fascinava os dois.

Locke bateu com a bengala nas botas bem-engraxadas.

— Tinha me esquecido do sr. Richards. Desculpe-me, minha cara Melanie. Com certeza sua amiga tem um problema se quer arrancar das mãos do pai uma de suas pinturas. Como ela pretende fazer isso?

A essa altura o outro casal retornara. Arianne lançou um olhar frio para Locke, e depois voltou a se sentar ao lado da prima. Melanie apertou seus dedos e explicou a situação o mais depressa que pôde, antes que Arianne e Galen se destruíssem com seus olhares que pareciam atirar facas um no outro. Era tarde demais para lembrar que Galen e tio Ross haviam discutido a respeito da autenticidade de uma das peças de arte do rapaz. Ela só rezava para que Galen fosse cavalheiro suficiente para não permitir que uma velha rixa influenciasse sua atitude em relação a uma dama em apuros.

Melanie tomou fôlego quando acabou de falar, aguardando enquanto Galen franzia a testa, sempre olhando para as botas. Quando por fim ergueu a cabeça, o sorriso voltara a iluminar seu semblante, e ele estendeu a mão para ajudar Melanie a se levantar.

— Onde podemos ver essa maravilhosa pintura? — perguntou.